

«O homem que
fala várias lin-
guas é às vezes
um infeliz em vá-
rias versões».

ANO VI — N.º 144

DEZEMBRO

1

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé

Biblioteca Nacional



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

CINCO ANOS DE VIDA!

No dia 1.º de Dezembro de 1952, aparecia à venda nas ruas da nossa vila «A Voz de Loulé» e grande foi o alvoroço dos louletanos, quando enfática e euforicamente diziam: «Finalmente temos um jornal».

O nosso Director, no seu editorial, dizia: «Será, fundamentalmente, um jornal de Loulé, para os louletanos».

O Dr. Joaquim de Magalhães, de Faro, sob o título «Saudação» escrevia, com a sua natural simplicidade e primor: «Não fazia realmente sentido que numa terra da importância de Loulé não houvesse uma voz impressa, para lhe defender os interesses».

Em «Carta aberta a toda a gente», Fernando Laginha declarava: «Quanto a mim, esta realização é um claríssimo exemplo do bairrismo e de boa vontade».

Recordando

Ex.º Senhor Director
de «A Voz de Loulé»

Desejando contribuir para a verdadeira história dos factos que determinaram o progresso da nossa terra, desde há 41 anos, transfigurando-a profundamente no seu aspecto urbanístico actual, permita-me, sr. Director, como contemporâneo dessa magnífica e rápida metamorfose, que lembre à geração presente de louletanos que a abertura da nossa mais bela artéria se deve exclusivamente à iniciativa do nosso falecido conterrâneo José da Costa Medilha.

Para as obras iniciais contribuiu com uma dádiva de Esc. 15.000\$00, verba que tornou realizável a ideia que aquele benemérito, durante anos, defendeu no meio dos seus conterrâneos. O seu entusiasmo foi tal que, em certa altura, a expensas suas, mandou elaborar o projecto da obra cujo original foi por ele oferecido à Câmara Municipal que mais tarde o mandou rectificar e uma das cópias, devidamente encadernada, colocou-a numa das paredes do seu escritório para que os que ali entrassem, pudessem apreciá-la. E porque isto assim sucedeu, uma das vereações municipais, em data que neste momento não me ocorre, deliberou, com verdadeiro espírito de justiça e consagrando por esta forma a memória de tão prestante louletano, titular a Avenida com o seu nome.

Com os meus agradecimentos antecipados pela amável publicação desta carta, subscrevo-me

De V...
J. C. G.

Postal de Faro

Em breve teremos uma avenida nova e rasgada, moderna e ao que consta dos projectos, bela, naquele troço de cidade, que liga a estação ferroviária ao Jardim Manuel Bivar. As obras já vão adiantadas e após os trabalhos preliminares, vão surgindo os esboços primários da via que substituirá o velho e pouco saudosamente recordado troço da Avenida da República.

O nome será o mesmo, certamente, e com isso estamos de acordo, mas a imagem será outra, mais compatível com o progresso e o movimento sempre crescente duma cidade, que em pouco mais duma década se desenvolveu gigantescamente, alargando as suas fronteiras num ritmo estonteante.

Esta obra, que há muito se impunha, surgiu finalmente e será como que o cartão de visita da cidade aqueles que demandam as suas entranhas, quer pelo cumprimento dos deveres diários ou pela procura das belezas naturais. Em especial para o turista, crítico, exigente e geralmente dotado dum vasto conhecimento urbanístico, a nova avenida inculcar-lhe-á uma valiosa impressão primária e um sério contributo para o bom nome do burgo e comodidade dos seus habitantes.

Hoje às valas e à terra revolteada, sucedem-se os montes de granito, mas queremos não estar longe o dia em que um pavimento modernamente delineado, se desenrolará perante os olhos, talvez ainda incrédulos do farense, interessado e amigo pelo desdobrar das obras, que como esta, sejam reflexos do interesse da edilidade pela cidade.

Consta-nos que naquele lugar adjacente à avenida, por alguém em tarde de feliz inspiração, apelidado de «FAR WEST», vai-se construir uma série de grandes edifícios concebidos em linhas modernistas e que serão um precioso auxiliar e complemento indispensável da urbanização citadina.

Pois bem, em breve teremos uma avenida nova e rasgada, onde o sol compoñha poemas multicores e a comodidade e a higiene sejam o cartão de boas vindas apresentados aqueles que demandam a capital algarvia — uma cidade em franco desenvolvimento, uma cidade crescente!

Faro, 20 Nov. 57

JOÃO LEAL

1.º DE DEZEMBRO

De novo, em acenos e hinos de verdadeiro patriotismo, eis-nos na presença dessa data gloriosa e imorredoura para PORTUGAL, desse dia, que é simultaneamente um clamor de vida e um poema de amor pátrio, que é o 1.º de Dezembro.

Portugal renascido e pronto a lutar, a nação que se ergueu das próprias cinzas e que galvanizada, retomou a sua posição perante a história dos tempos, vinculando e iniciando a caminhada gloriosa, que em Ourique foi início e em Aljubarrota concretização. O lusitanismo, já mais se havia apagado nas almas portuguesas e como viris, que aguarda ansiosa a hora da germinação, eis que, floresce e iniabira, em reflexos de amor e de heroísmo.

A alma de Camões de no-
(Continuação na 2.ª página)

A propósito do 5.º aniversário

Com o presente número completa «A Voz de Loulé» cinco anos de existência.

Para qualquer órgão de imprensa, cinco anos de vida nada contam, mas o que isso representa para nós em esforço exaustivo, preocupações e dissabores, é alguma coisa de muito importante.

Que não temos conseguido atingir o nível que nos propuzemos, somos os primeiros a reconhecê-lo. Incluimo-nos no número dos que reconhecem faltas lamentáveis e, por isso, não estão satisfeitos. Muito mais nos cumpriria ter feito, mas se mais não fizemos foi porque, na realidade, não pudemos, nanja que por falta de esforços por conseguí-lo.

Conscientemente, temos procurado que os louletanos encontrem no seu jornal a satisfação das seus anseios ou o que gostassem de ler e que não fossem desiludidos. Lamentamo-nos e lamentamo-nos por isso, se assim não tiver sido.

Mas, também nós temos que nos confessar desiludidos com o procedimento de muitos louletanos de quem esperamos maior carinho para uma iniciativa que só visa o progresso de Loulé.

Se o seu bairrismo não é suficiente para os levar a assinarem o jornal da sua terra, que, ao menos, os confessassem abertamente e nos evitassem os pesados encargos de cobrança e expedição, pois alguns há, que levam a sua falta de consideração ao ponto de suspenderem as assinaturas quando o recibo lhes é apresentado.

Desejamos apenas acentuar com estas ligeiras recriminações que não fomos totalmente compreendidos nem correspondidos no nosso propósito de melhor servir Loulé. Quererá isto dizer que a palavra bairrismo, já não impressiona os louletanos?

Quase nos inclinamos pela afirmativa, pois cada vez rareia mais quem esteja disposto a esforçar-se, desinteressadamente por uma

(Continuação na 2.ª página)

Loulé e o seu jornal

por LUÍS SEBASTIÃO PERES

nuo paladino de tudo o que a Loulé e ao Algarve dizia respeito — passou a publicar-se semanalmente, embora isso trouxesse, como trouxe, um maior volume de canseiras para os seus Director e Editor.

Dr. Luís Gordinho
Moreira

Por eleição dos restantes municípios do País, foi designado para procurador dos concelhos urbanos à Câmara Corporativa, o nosso prezado e velho amigo sr. Dr. Luís Gordinho Moreira, ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro.

Pelo que isto representa como reconhecimento do mérito administrativo do Dr. Luís Moreira e de honra para o Algarve, com este nosso amigo, a quem felicitamos, nos congratulamos, como amigos e como algarvios.

Para tudo quanto necessite, no desempenho dessas altas funções, oferecemos ao sr. Dr. Luís Moreira todo o nosso prestímo, ainda que fraco e a nossa leal colaboração.

Sumário de Ociosidade

por Maria Rosa Colaço

Cânticos e perfume. Depois de expectativa, depois da expectativa, a entrada no autêntico paraíso.

Para lá do rochedo silencioso e rígido, o grande milagre.

O Convento dos Capuchos, escondido algures na serra de Sintra, deixa-nos a alma simplesmente esmagada de emoção. A ninguém esquece. Todos ali estiveram comigo, no escuro das celas, na humildade do refeitório, na capela com sacrário de cortiço e altar lavrado em conchinhas do mar. A todos reuni, neste lugar de fim do mundo, porque só um lugar de fim do mundo, é possível a fraternidade sonhada.

Cansam-se. Irremediavelmente acabam todos por cansar-se. Toda a compreensão é só teórica e extensiva face às realidades. Cansam-se? E eu também. Canso-me de ser sincera e toda esta gente está tão habituada às máscaras, que pedem, chegam a pedir, que me vista de subtilidade. Entendimento, reacções, presenças, sorrisos, amabilidade, tudo tem de

ser fabricado.

De uma vez para sempre, deixem-me todos em paz que eu em paz vos deixo: Nasci para viver sózinha. As pessoas, todas as pessoas têm sempre algo que me decepciona (e eu a elas). Nasci para viver sózinha. Só assim sou feliz. Deixem-me pelo menos ser feliz nesta aldeia de pinhais e gente que não conheço, que não me interessa nada conhecer, que não quero conhecer!

Por que não de insistir em levar-me a estes pic-nics, a estas porcarias todas, se a eles tanto lhes dá que esteja mais uma ou mais uma dúzia, e a mim, tanta gente, me deixa doente para a semana inteira? Porque estou forçada. Porque não quero fingir.

Deixem-me, com trinta mil diabos! Gozem, comam, dançam, lavem-se com champanhe e uísque, mas deixem-me com o pinhal e o vento; os pássaros e o silêncio! Deixem-me ser feliz à minha maneira. Não há mais problema nenhum. Há apenas e sempre só (sorrisos, amabilidade, tudo tem de

(Continuação na 2.ª página)

No limiar do ano VI

Com o presente número inicia «A Voz de Loulé» o 6.º ano da sua existência.

Se há mais de quatro meses nos não tem sido possível dispensar ao jornal outra actividade que não seja a de mera e apagada direcção, quase limitada a pôr o *nihil obstat* nos originais que os nossos prezados colaboradores gentilmente nos mandam, não queremos, neste dia de aniversário, deixar de saudar quantos nos têm ajudado nesta tarefa num tanto inglória, mas por vezes bem pesada.

Sentimos não tanto o trabalho que se dispense mas, principalmente, a máguia e o remorso do que se não faz e devia ter sido feito na prossecução dos fins para que nos aventurámos a lançar esta gazeta, em 1 de Dezembro de 1952.

É um assunto que devia ter sido tratado e não foi, um problema que devíamos debater e que não suscitámos ou a que não demos a nossa achega, um comentário que se perdeu, enfim uma tese de carácter meramente ideológico que gostaríamos de apresentar mas a que não foi possível dar corpo.

Embora tudo isto tenha, até certo ponto, pela função que o jornal deve desempenhar, determinado carácter obrigacional, não deixa de ser, relativamente a outras actividades da nossa vida, grata devoção e por isso houve que hierarquizar-la no que é indiscutida obrigação.

Isso e a dificuldade de certas coisas, ou por magras ou por excessivamente avaras, têm tido ou querido ter no pagamento das assinaturas, parece impôr o nosso regresso a quinquenário. Assim como hesitamos em nos mostrarmos todas as semanas, temos hesitado ao regresso, porque o é efectivamente.

Ninguém — salvo os preciosos tipógrafos — dos que trabalham para este jornal faz profissão do jornalismo e quando tudo tem de ser feito em horas *propositadamente vagas*, desde do trabalho de carácter intelectual, até à dobragem e expedição, por nem poder ser pago esse trabalho... não é possível conseguir, todas as se-

(Continuação na 4.ª página)

RETOQUEMOS

O RETRATO DE... QUARTEIRA

Tenho seguido com muita curiosidade e interesse a polémica estabelecida entre o Sr. Presidente da Junta de Turismo de Quarteira, que não conheço, e R. P. que, se as minhas deduções anagráficas me não atraíam, conheço muito bem. Por ela ficamos nós a saber por que motivo os veraneantes de Quarteira têm, como os soldados «Hora de reco-

lher» e também por que razão pagamos a energia eléctrica mais cara do país.

Ao fim e ao cabo, no fundo da questão, a causa de tudo isto não podia deixar de ser outra... a eterna falta de «verba».

R. P. tinha certa dose de razão ao dizer que não acreditava que a exploração da energia eléctrica, em Quarteira, desse lucros pois pelo seu antigo mister sabia (e todos nós sabemos...) que ela dera sempre déficit. É natural que agora, como o afirma o Sr. Presidente da Junta, mercê de várias circunstâncias, entre elas um apreciado aumento do número de consumidores e o alto preço por que a pagamos, faça que essa exploração dê saldo positivo.

Mas para lá dessas questões contabilísticas, cujo esclarecimento muito agradecemos a quem ilustres conterrâneos, uma coisa é certa: a energia continuará caríssima como continuaremos a ter horas de recolher!

Acabo de ler na nossa «Voz» que o programa de electrificação do nosso Concelho vai iniciar-se, e como pelo que deduzi de tal leitura, só na 2.ª fase (cujo plano ainda não está aprovado!) as linhas se aproximam de Quarteira (em Almacil), é natural que sómente na 3.ª fase a tenhamos nesta risonha praia... daqui a 10 anos.

Entretanto, esperemos que a

(Continuação na 2.ª página)

PESCA

A indústria de pesca pagou de imposto, nos primeiros quatro meses deste ano, 15.035.476\$00, isto é, mais 2.338.330\$50 que em igual período do ano passado.

«Loulé... em retrato»

Cismamos às vezes porque é que as novas gerações salem diferentes de nós no pensar, nos preconceitos, nos princípios e maneiras de ser, ainda que os tenhamos querido criar, educar e moldar à nossa própria imagem e semelhança.

E isto apenas no campo educacional, porque, no técnico, no profissional ou na própria intelectualidade, cada um há-de aproveitar aquilo que aprendeu, aquilo a que se dedicou, aquilo para que tem propensão e portanto não admira que o caminho seja divergente.

Ora estas considerações faziam eu, a propósito de há dias, ver um grupo de «meninos do Colégio» a jogar num campo marcado, «hockey» sem patins e de outros irem logo, de pequeninos, para o bilhar.

E então, lembrei-me, que esta rapaziada já não faz estrelas e papagaios de papel, já não joga às «uvas» e ao «elxo», ao «belindre», ao «pião», à «cochilha» ou à «belharda».

Tudo evoluiu e talvez estes jogos de agora do «hockey», do «bilhar», queiram trazer e tragam uma outra espécie de sistema moldador de caracteres, talvez tragam uma modalidade diferente de encarar a vida, mais em camaradagem, mais em espírito de equipa, do que aqueles outros jogos onde o individual mais sobressaia, mais se aperfeiçoava e cultivava o génio, a arte, ou o valor pessoal. Será assim, não será? O certo é que eles são diferentes.

Nos vizinhos Concelhos de Silves e de Faro, reina grande azáfama pela realização dos «Cortejos de Oferendas» que se realizam no próximo mês. Tudo se apresta para que, aproveitando um excepcional ano de produção agrícola, se recolha para os respectivos hospitais grossa maquia, para ajudar às suas obras ou apetrechamentos.

Dá raiva verificar que no nosso concelho, o mais rico do Algarve, o mais farto e o mais generoso, se não tenha aproveitado esta circunstância, de tão bons resultados, como vimos da outra vez. Mas... é mesmo assim!

Antigamente o concelho de Loulé, tinha uma curiosa indústria que, embora funcionando em regime, quase de artesanato, criou fama e era preferida por diferentes razões. Referimo-nos aos trabalhos de mármore e cantárias.

Havia quem colhesse mármore no Alto Fica, polisse a pedra rósea da Cabeça Gorda e outras variedades de pedras que o concelho possui.

Isso foi desaparecendo e hoje, como há poucos artistas, quase que só se trabalha de encomenda e por isso não se produz nada para vender.

O Teatro e o Café Calcinha foram feitos com mármore da região e não podemos deixar de reconhecer que a sua beleza é igual à sua duração.

Sinalização da Vila... Há cerca de 4 anos que estão, dentro de caixotes, na Câmara Municipal, chapas de sinalização, oferecidas

por uma das empresas distribuidoras de gasolina, as quais foram feitas na Alemanha e são do que há de mais perfeito e bonito.

Quando será que esse célebre regulamento do trânsito se elabora para se poderem ver, na nossa vila, aplicadas essas belas chapas?

Não é que isso dê muito trabalho pois julgamos que, baseados nos trabalhos já feitos, se poderia dar rápido andamento alterando, corrigindo ou aperfeiçoando o que não estiver bem e elaborar o tão esperado regulamento.

Teríamos então a vantagem de ver retradas certas ruínas de chapas e postes que vemos nas nossas ruas principais e constituem verdadeiras afrontas ao aspecto moderno e limpo da nossa vila.

O nosso Cinema também precisa de uma acção policial mais intensa, no sentido de obviar a certa surrada e piada grosseira, estúpida e ordinária que se ouve quando as cenas são um pouco mais afrosidias.

Há realmente ocasiões em que, determinados «alarves» que outro nome não têm, se permitem largar a «sua piada tosca», na maior parte dos casos denunciadora de um complexo de selvajeria e até de incompreensão pelo mais frescas.

Bem mereciam que um ou dois fossem castigados para que se não diga que a totalidade tem de aceitar estas manifestações doentias, impróprias de gente civilizada, sem levantar o seu veemente protesto.

Reporter X

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta, com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.

é o da MABOR General

Agente em LOULÉ
Manuel de Sousa Pedro
Largo Dr. Bernardo Lopes

Alfarrobeiras

EM VASOS
Vendem-se
Tratar na Farmácia Pinto
LOULÉ

FÁBRICA DE MANILHAS

DE
José Domingos de Sousa
ALMANCIL

Informa todos os interessados que iniciou o fabrico de manilhas para canalizações de água e construção civil, com garantia para resistirem a fortes pressões.

Julieta Domingues

Professora Diplomada de Corte e Alta Costura



Participa às suas estimadas Clientes e a todas as Senhoras que mudou a sua residência para a

RUA EGAS MONIZ, 22
(Esquina da Rua das Lojas)

onde continua aguardando as suas prezadas ordens.

Além de vestuário para senhoras e crianças, executa também com rapidez, economia e perfeição, todos os trabalhos em malhas para senhoras, homens e crianças, com os mais modernos padrões em «tricot» artístico.

3.º de Dezembro

(Continuação da 1.ª página)

vo a palpar; o sonho e o génio do Portugal de sempre, de novo a retomar a sua acção de guia e de exemplo, na defesa do que legitimamente Deus havia traçado no cumprimento da missão que desde 1140, tem sido um rosário de glórias.

A mesma chama de sempre em labaredas altaneiras e o mesmo génio a continuar a empresa; a mesma estrela a brilhar no céu apontando a Henrique, O Navegador, o rumo da aventura e aos heróis de 1640 a esperança e a centelha, que os uniu e os fez comungar nesse ideal contagiante, que é o amor pátrio.

E hoje, como sempre, unidos e irmanados pelo nome de Portugal, recordamos e vivemos com os lusitanos de todo o mundo, a lição, plena de esplendor e de vida, que é o 1.º de Dezembro.

E o nosso patriotismo, cresce, evoluciona nos céus e é maior e mais belo, porque cada vez mais nobremente engrandecido.

Tem sido, com esta afirmação do seu inapagável amor a Portugal, que os portugueses de Goa, têm respondido às insólitas e ridículas afirmações do Pandita Neru e dos seus sequeiros.

Conhecemos essas estranhas personagens a honra e o orgulho, que é ser português e compreenderiam as mil e uma provas de portuguêsismo, com que os irmãos portugueses de Goa, têm correspondido aos vis actos da União Indiana.

O 1.º de Dezembro continua e continuará a ser nos tempos e na história, o padrão maior e a revelação total do amor pátrio dos portugueses de sempre, à gloriosa e heróica Nação Lusitana.

João Leal

(—)(—)(—)(—)(—)(—)(—)

Sumário da ociosidade

(Continuação da 1.ª página)

te: quero estar sózinha. Acabou-se.

Assustei um pássaro que voou do galho do pinheiro. Bem podia continuar cantando. Bastava gostar de ouvi-lo. De mim até os pássaros fogem. A minha fama de selvagem tem encandilado esta boa burguesia de F. admirados todos como os seus bailes, os seus chás, os seus pic-nics, as suas reuniões diárias de canasta, ainda não me comoveram e tornaram mais social.

Por que não quero convívências? — eis o problema das vendas elegantes desta aldeia saia, abrigo de forasteiros. Isto conta-me a criada entre um sorriso e uma curiosidade mórbida, a pedir, também ela, uma explicação.

Grandes problemas tem esta gente, bom Deus! E eu aqui, feliz, toda a manhã de pernas ao sol, a ouvir o vento e os pássaros. Só o vento e os pássaros, nos galhos verdes. As cartas que me chegam, com os mails desconhecidos e espantosos assuntos de toda a espécie de problemática, são assim como um correio de outro mundo, que eu leio, entendo, mas me deixam absolutamente serena, sem alterarem um mínimo as minhas certezas, as minhas conclusões, a minha tranquilidade indiferente e irónica. Entender tudo isto? Foi coisa de que desisti, há muito. Mas acho graça, lá isso... Acho muita graça! Fala-me ainda F... numa visita.

Mas uma visita para quê? Conhecermos-nos, para quê? Mais dois inimigos próximos, decepcionados ambos, como é da praxe. E será tudo. Mas vá lá uma pessoa explicar isto assim, fria, inteligentemente!...

Bendito sejas, sonho!

Maria Rosa Colaço

Para os seus SEGUROS consulte

Manuel de Sousa Pedro

SEGUROS em todos os ramos
Largo Dr. Bernardo Lopes
LOULÉ

RETOQUEMOS

(Continuação da 1.ª página)

digníssima Câmara e a simpatíssima Junta cheguem a acordo, uma com um maior subsídio e a outra com a boa vontade, para que nós, os veraneantes de Quarteira deixemos de ser... soldados.

Voltemo-nos para outro assunto.

Não vi o esboço nem ninguém me explicou como era o ante-plano de Urbanização de Quarteira, ouvi sim... que a elaboração do dito estava suspensa... que havia quem quisesse construir um hotel mas que como no ante-plano não figurava nenhum local à beira-mar para hotéis, o tal senhor tinha desistido de tão grande melhoramento... que nesse tal ante-plano o local para a construção do Casino estava situado lá para os Cavacos, embora isso levasse na mesma ao arrasamento da actual Esplanada e dos prédios que se lhe seguem no mesmo bloco... que entre o Casino e a praia haveria um «passeio»...

Ora vamos lá tentar esmiuçar algo destes «diz-se que...» mas antes, façamos pequeno reparo. Não sei a quem foi entregue a feitura do projecto de Urbanização da Praia, nem posso dizer se o autor do dito terá uma informação e uma opinião minuciosa acerca das realidades económicas e sociais da nossa praia, pois sem um estudo prévio e sério das aquelas duas condições, principalmente a económica, o autor do projecto poderá ser um «barra» a desenhar e a arquitectar, mas nunca será capaz de fazer um projecto que nos sirva, quer dizer, que sirva Quarteira, por que ele nunca passará do papel!

Tenhamos todavia esperança que lhe tenham dado todas as informações e esclarecimentos, e feito ver as modestas possibilidades financeiras da maioria dos frequentadores da Quarteira.

Entremos então na apreciação, a ser verdadeiro, do primeiro «Diz-se que...» há quem queira construir um hotel.

Eu pergunto como o brasileiro: há sinceridade nisso? Haverá realmente dos que querem quem tenha possibilidades para construir um hotel? Reparem que é um hotel com H, não é uma pensãozinha com mela-dúzia de quartos, é já uma obra que custa muita centena de contos!

A minha resposta é NAO. «Diz-se que...» no ante-plano figurava o local para o Casino lá para os Cavacos.

Então o Casino não ficava, ao menos, na Avenida Marginal?

Um Casino situado ao fundo de uma grande praça?!?!?

A ser construído, não lhe ficaria mal a frase «Que linda vista pro mar!»

Construí-lo lá para trás, porquê e para quê?

Pois se se deixava abaixo todo o bloco da Esplanada, por que não construí-lo cá à frente, bem à vista do mar, esse mar poético insensado pela canção?

E quem faz o Casino, a Junta de Turismo da Praia de Quarteira? Então se essa dita Junta não tem dinheiro para nos dar energia eléctrica suficiente durante dois meses (Só dois!) até de madrugada, aonde vai buscá-lo para fazer um casino e pagar os prédios que tem de demolir?

A minha resposta mais uma vez, terá que ser NAO.

«Diz-se que...» haveria um passeio...

Mas quem passearia por esse passeio? Só quem fosse para o «Casino dos Cavacos!». Então em que cabeça cai, que havendo na praia uma Avenida à beira-mar, os veraneantes fossem passear por uma transversal?

Eu NAO acredito.

A propósito, por que não faz a Junta de Turismo o passeio do lado Sul da Avenida Marginal? Um passeio largo, pelo menos com 3 metros e a separá-lo da praia, que é como quem diz da areia suja, um pequeno muro-canteiro, aí com 30 centímetros de altura, que nos alegraria a vista e evitaria que a areia invadisse o passeio, o único verdadeiro «passeio» da praia.

Bem amigos, esta conversinha já vai longa e por hoje ficamos por aqui.

Ceza Luzi

Máquinas de Escrever

ALUGA a dias ou a meses
o CENTRO COMERCIAL
DE REPRESENTAÇÕES e
INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 —
Telef. 277 **LOULÉ**

QUARTEIRA

Vendem-se três prédios bem localizados e de boa construção.

Tratar com Carlos F. Vi gas [Carlos Jacinto] — Quarteira.

A propósito do 5.º aniversário

(Continuação da 1.ª página)

causa que apenas tem do seu lado, a dedicação e o amor à comunidade onde vive.

Sabemos que se vive a correr, que o tempo mal chega para os afazeres profissionais e por isso não há vagar para prestar ao jornal a colaboração de que ele carece para se tornar o órgão eficiente e cabal da defesa dos interesses locais.

Ao referirmo-nos a colaboração, não queremos apenas mencionar a dos artigos em que poderiam ser debatidos interesses ou problemas do concelho, mas até e acentuadamente às dificuldades que encontramos onde vamos colher elementos informativos que possam ter interesse para os leitores. Até aí, a falta de vagar nos surge, prejudicando o noticiário e obrigando-nos a sofrermos depois a injusta acusação de que não publicamos esta ou aquela notícia.

Devido a tudo o que expomos e ao enorme prejuízo material que estamos suportando só uma decisão nos restava: regressarmos a quinzenário!

Já o devíamos ter feito há mais tempo e só o respeito pelas muitas assinaturas pagas anualmente, nos inibiu de tomar essa decisão, considerando ao mesmo tempo a diversidade de preços e modalidades de pagamento de vários assinantes da Metrópole, do Ultramar e do Estrangeiro.

Bem contra nossa vontade vimo-nos forçados a aguentar a periodicidade semanal até ao fim do corrente ano, para regularização das assinaturas.

Agora, que a ocasião se torna mais propícia, resolvemos reduzir o nosso grande sacrifício, e o jornal voltará a sair ao dia 1 e 15 de cada mês.

Sabemos como é desanimador retroceder, mas temos de confessar que muito mais desanimadora foi a sua experiência que tivemos de suportar, com a transformação em semanário deste jornal.

Se a tanto nos atrevemos foi por puro baírrismo, porque somos louletanos por nascimento e ascendência, foi porque promessas de ajudas nos não faltaram e porque contámos com uma publicidade comercial que também falhou. Não contámos nunca ter lucros mas exigíamos que o nosso sacrifício se não tornasse absolutamente inoportuno para as nossas possibilidades.

No entanto devemos afirmar que com as raras excepções do que sempre nos ajudaram, seria possível manter o semanário se não fora o negro espectro do terrível factor económico.

E por isso regressamos ao ponto de partida.

«A Voz de Loulé» passará a ser publicada quinzenalmente, sem espírito de lucro, sem outros objectivos que não sejam os de continuar a servir Loulé. Sem desfailemento, continuaremos a nos esforçarmos, sem objectivo de lucro, para não privar a nossa terra de ter este índice de civilização que o jornal representa.

Só temos a lamentar é que, durante o tempo em que fizemos tão incomparável sacrifício, não tivéssemos havido louletanos, que o tivessem aproveitado para debaterem mais problemas locais ou regionais evitando que se faça a errada ideia de que carecemos de valores intelectuais.

Oxalá a violência que nos leva a reduzir a sua publicação, possa despertar em tantos nossos conterrâneos, o brio e o pundonor de darem ao seu jornal — apesar de quinzenário — o brilho e o valor que, como semanário, lhes negaram!

De contrário teremos de nos convencer cada vez mais, que está em declínio o velho baírrismo e orgulho de ser louletano!

O EDITOR

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

«Concurso público para o fornecimento de material e sua montagem destinado à sub-estação e aos postos de transformação da parte norte do Concelho de Loulé — 1.ª fase da Electrificação do Concelho.»

TORNA SE PÚBLICO que no dia 26 do próximo mês de Dezembro, perante a Câmara Municipal, proceder-se-á à abertura das propostas relativas ao fornecimento de material e sua montagem destinado à **Sub Estação** de Loulé e postos de transformação da parte norte deste Concelho, incluídos no projecto da 1.ª fase da electrificação do Concelho de Loulé.

Para serem admitidos ao concurso, os interessados necessitam de efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas filiais ou agências, o depósito provisório de 27 500\$00 mediante guia passada pela Secretaria desta Câmara Municipal, em qualquer dia útil até à véspera do concurso.

A base de licitação é de Esc. 1.100.000\$00

O programa do concurso e caderno de encargos estarão patentes na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente, onde poderão ser consultados pelos interessados.

Paços do Concelho de Loulé, 27 de Novembro de 1957.

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS dos OLHOS

Consultas às 11 h. e às 15 h.

Rua Filipe Alistão, 27

FARO

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»
das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

QUARTEIRA...

a nossa praia

(Continuação da 1.ª página)

mente a trabalhar entre Vale d'Eguas e Quatro Estradas. Seguidamente levantará o perfil entre esta última localidade e Quarteira, se esta povoação receber energia por intermédio dessa Ex.ª Câmara.

Venho solicitar de V. Ex.ª indicação se devo ou não mandar executar os trabalhos cujo programa indiquei ou se devo mandar terminar o levantamento em Quatro Estradas, não se fazendo portanto o trabalho para Quarteira. Assim procedo a fim que essa Câmara não faça despesas desnecessárias. Mais solicito de V. Ex.ª indicação, se, concordando em que a linha para Quarteira se for construída pela Câmara, passe pela parte posterior do Cemitério, pela Horta do Romão e termine no Largo do Mercado; d'aqui à Central um cabo armado subterrâneo alimentaria o posto de transformação, nela a instalar.

Caso seja resolvido alimentar Quarteira por intermédio de linhas dessa Câmara, há necessidade de elaborar projecto do Posto de Transformação a instalar na Central de Quarteira. Quem elaborará o projecto, o signatário ou o responsável pela rede de Quarteira?

A Câmara oficiou à Junta de Turismo, pedindo para ponderar o conteúdo da carta atraz transcrita, cuja cópia remeteu e insistia por uma resposta que a habilitasse a dar solução ao caso apresentado pelo senhor engenheiro, encarregado do projecto.

A resposta da Junta de Turismo é realmente digna de registo! «De harmonia com o solicitado no ofício de V. Ex.ª n.º... cumpre-me informar a resolução desta Junta em sua última reunião, não ver vantagens em retirar de sua administração os Serviços Electricos, cujo serviço que ela tem conduzido, até hoje, com tanto acerto e desvelo.

Todavia interessa a esta Junta, manter mais este contacto com os banhistas, conservar a faculdade de iluminar ruas e recintos de festas. 1-VI-1956.

Custa a acreditar, mas é assim mesmo!

A Junta rejeitou a oferta da Câmara de lhe construir uma linha de alta tensão, sem sequer discutir — como aliás estava no seu direito — quem seria o distribuidor!

E assim ficou Quarteira, isolada do resto do concelho, sem projecto nem possibilidade de ter energia da CEAL, porque queria conduzir os serviços electricos com o acerto e desvelo com que os tem conduzido! O que não conseguimos perceber é como através da luz a 4\$00 o quilovatio, se mantém contacto com os banhistas!

Ainda que a Junta estivesse em condições de mandar estudar o projecto de ligação do ramal Val d'Eguas-Quarteira, como há pouco disse, o seu Presidente, quando é que isso está pronto? Quando é que a Junta consegue a participação do Estado? Onde é que a Junta vai buscar o dinheiro para fazer face à participação?

O custo desse ramal está calculado — grossomodo — em 300 contos. Que necessidade tinha a Junta de Turismo de se sobrecarregar com esse encargo, que a Câmara lhe oferecia oficiosamente?

Ora digam-nos lá, se por este processo, a Junta de Turismo de Quarteira, pode pensar em gastar algum dinheiro fora do Serviço Electrico?

E admiram-se quando dizem que há deturpação de funções!

E ainda nos vêm falar da compra de mais um motor!

Custa-nos criticar assuntos apresentados com tanta clareza, mas apelamos para a consciência dos nossos leitores e estamos certos que não haja quem reconheça que Quarteira não é a nossa Praia, mas um Estado Independente cheio de orgulho e vaidade na sua soberania, nas suas faculdades e direitos morais, nos serviços de luz que tem conduzido com tanto acerto e desvelo!

R. P.

V. Ex.ª deseja comprar uma máquina de tricotar? Não compre qualquer marca, compre sim...

A RAINHA DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR

«MATADOR»

O expoente máximo da Indústria Alemã

Simples - Resistente - Rápida - Perfeita

Vendas a prestações mensais desde Esc. 90\$00

no AGENTE OFICIAL

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

Nascem, vivem

e morrem debeis

(Continuação da 1.ª página)

Passam os dias, as semanas, os meses, os anos, a vida nesse desperdiçar de tempo, nessa incúria, nessa indolência, nesse deambular, sem nada fazerem de útil.

Não são gente que vive, mas sombras que passam.

Não cuidam do seu aperfeiçoamento físico e moral.

Cataventos — giram e regiram ao sabor dos ventos.

Passeiam pelas ruas a sua indolência, a sua busca de baixos prazeres, a sua desvalia, a sua mesquinhez, a sua vacuidade, o seu estragar de vida e a sua vida estragada.

Prometem e não cumprem, dizem e têm que desdizer.

Nunca se pode contar com eles.

Não resolvem, não atam nem desatam — empatam.

O esforço é-lhes doloroso.

E sem esforço nada aparece feito.

Nunca estão à hora nem são de confiar.

Perdem o tempo próprio e fazem perder o alheio.

A sua vida é rio de águas lentas, tão lentas que param e águas paradas acabam sempre por se estagnar.

Mais valem homens de inteligência média, mas com fortes faculdades de trabalho, do que homens cheios de inteligência, mas esmagados pela preguiça.

Estes são ramos fracos da Arvore da Vida.

Quantas vidas seriam triunfos completos, totais, se a preguiça as não reduzisse a humilhantes derrotas!

João Leitão da Silva

De «Linhas de Elvas»

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Mais um aniversário

(Continuação da 4.ª página)

sem que ninguém, com justa razão, possa acusar o jornal de ter saído das normas da correção que se impõem a quem escreve para o público.

Uma publicação periódica que, pelo seu título, denuncie o programa traçado em defesa da terra onde se publica, tem direito a viver e à sua custa tem-se expandido brilhantemente, dando-nos a medida moral e intelectual do povo louletano.

Tem sido o melhor elemento das regalias e engrandecimento da terra, e também o melhor elemento de civilização, porque a «Voz de Loulé», mais ainda do que a palavra, tem sido o grande arauto das ideias e sentimentos dos louletanos.

Temos acompanhado a orientação seguida e sem receios e sem esmorecimentos a «Voz de Loulé» inspirada no amor à terra e na inabalável dedicação do seu Director, continua no caminho que de princípio abriu, entra num novo ano de publicidade, com a feição de jornal moderno, instrutivo e noticioso que muito tem agradado aos seus assinantes, sobre tudo, os ausentes em terras longínquas.

Não ficaríamos de bem com a nossa consciência de louletano e do modesto colaborador se não destacassemos nestas colunas o seu ilustre Director, o seu proprietário e ainda os distintos colaboradores, lamentando não podermos exprimir o nosso sentir pelos grandes obreiros do jornal, por não possuímos os predicados intelectuais necessários.

Faltariam à verdade se não disséssemos o quanto nos é agradável a existência da «Voz de Loulé» sob os requisitos morais e reivindicadores em que assenta a sua índole, tendo por lema a defesa dos interesses de todo o concelho e da justiça. Por todos estes predicados a par de uma grande satisfação, desejamos uma longa vida.

Parabéns à «Voz de Loulé».

Augusto C. Bolotinha

Os pés doem-lhe?

Use a Palmilha Espuma de Latex: invenção alemã... Uma verdadeira almofada para os pés.

Vende-se em Loulé na Casa de Solas e Cabedais de João Martins Rodrigues, R. Almirante Reis, 23.

SCOOTER

Em estado nova, vende-se. Marca Durkopp Dianna, 2 H. P.

Nesta redacção se informa.

Loulé

e o seu jornal

(Continuação da 1.ª página)

sa Regionalista Algarvia, tem servido bem e sem se desviar do programa traçado, a sua Terra e a Província que lhe foi berço.

Feito o Balanço às suas actividades, verificar-se-á que Loulé alguma coisa lucrara com o aparecimento do Seu Jornal.

Todos nós sabemos que a Imprensa Regionalista é pobre: «tudo dá e nada recebe». Mas sabemos também que uma Terra cujas folhas impressas a Semanário, assegurando-lhe colaboração não só minha como de outras figuras algarvias residentes na granítica Lisboa.

Porque, «A Voz de Loulé», já não era só de Loulé e sim, do Algarve.

Os problemas algarvios mereciam-lhe tanto carinho e interesse com se de Loulé se tratasse, batendo-se por eles ardorosamente.

Chega até nós a notícia — oxalá fosse sonho meu — que o bom baluarte louletano vai, novamente passar a quinquenário.

O caminho é sempre em frente; para trás, só o corangejo, meu caro amigo José Maria.

Loulé e o Algarve não podem ficar privados — agora mais do que ontem e com tanto que há que tratar e pugnar no interesse de tão lindo torrão nacional — da publicação semanal de «A Voz de Loulé».

Também sabemos que muitos dos assinantes não têm procurado servir a Causa da sua terra, recebendo todas as semanas o periódico — nunca sabendo o sacrifício que representa fazer chegar o jornal todos os domingos a suas casas — e ao proceder-se à cobrança das suas assinaturas, como paga dos bons serviços prestados pelo jornal da sua terra, a devolução dos recibos com a nota: «avisado e não pagou».

Assim todas as boas iniciativas fenecem e apagam-se.

Os louletanos primaram sempre por ser um povo «bairrista, o mais bairrista dos algarvios».

As boas causas triunfam quando ajudadas e compreendidas.

LOULÉ, não pode prescindir de um JORNAL; de um porta-voz que assinala o desejo de viver e progredir; colocar-se ao lado de outras terras que, com menos possibilidades, marcham na vanguarda do PROGRESSO.

LOULÉ carece de um órgão que a defenda, pois não possui outro jornal; e por isso, «A Voz de Loulé», tem o direito a uma merecida e justa consideração de todos os que a leem, quer em torrão pátrio, quer além fronteiras.

Estamos certos de que os louletanos, sem excepção do primeiro, estarão de acordo com a doutrina exposta neste nosso artigo:

POUR LOULÉ E PELO ALGARVE!

São os meus sinceros votos que endereço aos bons algarvios Srs. Dr. Jaime Guerreiro Rua e José Maria da Piedade Barros, desejando longa vida ao seu «A Voz de Loulé», para poder trilhar, no seu 6.º ano de publicação, uma entrada mais cheia de venturas do que aquela já percorrida até aqui.

Luís Sebastião Peres

Cinco anos de vida

(Continuação da 1.ª página)

partes do mundo, uma viva expressão de saudade com o sabor de uma real convivência espiritual.

Por vezes, amúios, incompreensões, más vontades, tudo são sabores que sentimos, sem ter a intenção de provocar. Mas nunca fechamos nem a porta a quem nos procura para rectificar um lapso, nem as nossas colunas para se defender, a quem for atacado.

Bem orientado, mal orientado, um órgão de imprensa, numa terra provinciana, tem, por vezes de vogar ao sabor de pontos de vista que não podem agradar a todos, mas temos procurado sempre o justo equilíbrio, a satisfação dos interesses locais e tudo se tem conseguido em ambiente amigo e compreensivo.

Que os louletanos para quem o jornal foi feito e criado, o continuem a apreciar e distinguir com o seu carinho e lhe deem mais colaboração, nos coadjuvem nesta difícil e ingente tarefa são os nossos votos ao entrarmos no sexto ano de vida.

X X X

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 144 — 1-12-1957.

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela primeira secção de processos e nos autos de execução sumária que Joaquim Guerreiro Virote, casado, comerciante, residente nesta vila de Loulé, move contra Manuel João Vieira e mulher Argentina Mendonça Alcaria, ele pedreiro, ausente em parte incerta da Venezuela e ela doméstica, residente no povo e freguesia de Almancil, onde aquele teve a sua última residência conhecida neste País correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, notificando o aludido executado, Manuel João Vieira, de que por despacho de vinte e um de Maio do corrente ano, foi ordenada a penhora nos prédios a seguir descritos e confrontados, com a cominação de que a partir da notificação considera-se feita a apreensão, ficando os executados, quanto a eles, na posição de depositários.

Prédios penhorados:

Primeiro: Casas térreas com quatro compartimentos para habitação, uma dependência e terra de semear com várias árvores, no sítio de Cabeça de Camara, freguesia de S. Sebastião, inscrita na matriz urbana sob o Artigo dois mil quatrocentos e oitenta e cinco e na rútica sob o Artigo dois mil e vinte oito e descrita na Conservatória do Registo Predial sob o número 30 149, a folhas 10 do Livro B. setenta e sete; e Segundo: Courela de terra arenosa com vinha e diversas árvores, no sítio de Semino, freguesia de Quarteira, inscrita na matriz sob o artigo quinhentos e cinquenta e seis e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número trinta mil cento e cinquenta, a folhas dez verso do Livro B. setenta e sete.

Loulé, 13 de Novembro de 1957.

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Marino Barbosa Vicente Júnior

ANÚNCIO

António de Sousa Pires, casado, proprietário, residente no povo e freguesia de Salir, desta Comarca, porque foi anunciado no Jornal «A VOZ DE LOULÉ», de 1 de Agosto de 1956, que fôra distribuída na Secretaria Judicial de Loulé uma acção de interdição por demência contra ele, vem dar conhecimento, nos termos do art.º 945 do Código do Processo Civil, de que fôra indeferida a petição, mantendo-se por isso, o mesmo António de Sousa Pires na plena capacidade de exercício dos seus direitos civis, por despacho de 31/1/1957.

Loulé, 26 de Novembro de 1957

António de Sousa Pires

Maria da Palma Duarte

Panelas de Pressão

a prestações mensais, desde Esc. 14\$00

só no

Centro Comercial de Representações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

Câmara Municipal de Loulé

ANÚNCIO

«Concurso público para a construção dos edificios destinados à Sub-Estação de Loulé e aos Postos de transformação previstos na 1.ª fase da electrificação do Concelho de Loulé».

Torna-se público que no dia 26 do próximo mês de Dezembro, perante a Câmara Municipal, proceder-se-á à abertura das propostas relativas à construção dos edificios destinados à electrificação da parte norte deste Concelho e sub-estação de Loulé.

Para serem admitidos ao concurso os interessados necessitam de efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, ou nas suas filiais ou agências, o depósito provisório de 6.500\$00, mediante guia passada pela secretaria desta Câmara Municipal, em qualquer dia útil até à véspera do dia do concurso.

A BASE DE LICITAÇÃO É DE 250.000\$00

O programa do concurso e caderno de encargos estarão patentes na secretaria desta Câmara Municipal durante as horas de expediente, onde poderão ser consultados pelos interessados.

Paços do Concelho de Loulé, 27 de Novembro de 1957.

O Presidente da Câmara,
José João Ascensão Pablos

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 144 — 1-12-1957.

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca e nos autos de ACCÃO ESPECIAL DE DIVISÃO DE COISA COMUM que MARIA DA BOA-HORA GONÇALVES e marido ANTÓNIO GUERREIRO DUARTE, residentes em Picota de Gilvrazino, freguesia de São Sebastião, desta comarca, move contra ALICE DE JESUS GONÇALVES e marido ALBINO MARTINS SEBASTIÃO, ela doméstica e ele trabalhador, residentes em Borgues Ferro Carril, Vila Elisa, Buenos Ayres, República Argentina e OUTROS, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os réus ALICE DE JESUS GONÇALVES e marido ALBINO MARTINS SEBASTIÃO, ausentes em parte incerta da República Argentina e cujo último domicílio conhecido, neste país, foi no referido sítio da Picota de Gilvrazino, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido constante da petição inicial dos supra identificados autos, cujo duplicado se encontra patente nesta Secretaria Judicial para lhes ser entregue quando reclamado, sob pena de se proceder à adjudicação ou venda do prédio referido na aludida petição, com a cominação de que se não comparecerem ou fizerem representar na conferência a que alude o artigo 1.059.º do Código de Processos Cível, ficarão vinculados ao deliberado pelos interessados presentes ou representados, seguindo-se os demais termos dos art.ºs 1.059.º e 1.060.º do citado Código.

Loulé, 26 de Novembro de 1957

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 1.º Substituto

a) Manuel d'Andrade e Silva

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

LOULÉ

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 144 — 1-12-1957.

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o réu José Martins, trabalhador, ausente em parte incerta da França, com última residência conhecida no sítio do Brotual, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, para no prazo de 5 dias, posterior aquele dos éditos, contestar o pedido de concessão do benefício de assistência judiciária que lhe move sua mulher Rosa Guerreiro Felício a fim de poder intentar acção de divorcio litigioso.

Loulé, 23 de Outubro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção

António Ilídio Assis da Veiga

VERIFIQUEI

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária

Manuel de Andrade e Silva

SALIR

Missas do 30.º dia

A família de Maria da Conceição Pires Virtudes Guerreiro, participam a todas as pessoas amigas e de suas relações que na próxima 2.ª-feira, dia 2 do corrente, será rezada missa do 30.º dia (na Igreja Paroquial de Salir, sufragando a alma da saudosa extinta, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos,

Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Gínginha

e Edvardino

das Portas de Santo António

as melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

SE TENCIONA

ENVIAR cumprimentos de BOAS FESTAS aos
aos seus Familiares e Amigos e deseja
fazê-lo em bonitos originais cartões, DEVE en-
comendá-los, desde já, na

GRÁFICA LOULETANA
Telefone 216

LOULÉ

NÃO RESERVE PARA AMANHÃ

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Dezembro:

Em 1, a sr.^a D. Gracinda Chum-
binho de Sousa, residente em Lis-
boa e as meninas Maria Natália
Pinto Mazagão e Maria Olávia
de Sousa Correia e os srs. Alfe-
res Orlando Sequeira da Silva e
Raul Batista Machado e a sr.^a D.
Maria Antónia Vaz do Nasci-
mento.

Em 3, a menina Maria Rosa
Pinto Correia.

Em 5, o sr. José Gonçalves de
Sousa Oliveira.

Em 6, o menino Alexandre Ca-
vaco Carrilho.

Em 8, as meninas Maria da
Conceição Brito da Mana e Solan-
ga Farrajota Ralheta.

Em 9, a sr.^a D. Maria da Con-
ceição Nunes.

Em 10, a sr.^a D. Filomena das
Neves Rocheta.

Em 13, a sr.^a D. Albertina Mon-
teiro Sotto Mayor Pinto.

Em 14, a menina Maria Inês
Ramos Cecília.

PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita à sua terra natal,
encontra-se em Loulé o nosso
contratante e prezado assinante
no Canadá, sr. Manuel Guerreiro
Laginha.

— Retirou para os Estados
Unidos, onde vai fixar residen-
cia, o sr. Manuel Correia Pintar-
sillo.

— Com destino ao Canadá, re-
tirou há dias de Loulé o nosso
contratante sr. José Guerreiro
Laginha, que vai fixar residência
naquela próspero País.

Quando V. Ex.^a pretender comprar

Livros, Revistas, Artigos es-
colares, T. S. F. e T. V., Má-
quinas de escrever, Candeie-
ros eléctricos e outros artigos
de novidade,

CONSULTE SEMPRE o

Centro Comercial de Re-
presentações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5
LOULÉ — Telef. 277

onde compra com grandes
facilidades de pagamento.

Ecos de SALIR

No passado dia 10 realizou-se,
na Igreja paroquial desta freguesia,
o casamento da sr.^a D. Ali-
cia da Silva Simões Gordinho,
prezada filha da sr.^a D. Alice
Simões Gordinho e do sr. José
Joaquim Gordinho, residentes
nesta localidade, com o sr. San-
tiago Pereira Apolo, filho do sr.
José Apolo e da sr.^a D. Maria
Pereira.

Apadrinharam o acto por par-
te da noiva o sr. Dr. António Tei-
xeira Dias Quintino e sua esposa,
e por parte do noivo o sr. Manuel
Martins Dourado Eusébio e a sr.^a
D. Ivone Júdice Pontes Dias.

No final foi servido aos noivos
e convidados um finíssimo «copo
d'água».

Ao novo casal desejamos as
maiores felicidades.

C.

MÁQUINAS de apanhar malhas

«VAPEDRONE»

A prestações mensais, desde
Esc. 108\$50

no Agente Oficial

Centro Comercial de Re-
presentações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

ARMAZÉM

Aluga-se um armazem na
Avenida José da Costa Mea-
lha, 4.

Se tem necessidade de encomendar

Cartões de Boas Festas ou de Visita

Não reserve para «amanhã». Faça-o
com a conveniente antecedência na

GRÁFICA LOULETANA — Loulé

A Voz de LOULÉ

LOULÉ

Minha terra natal

— a tantos amigos de infância que nem sei já quantos
nem quais —

*tão longe e tão perto na escala do tempo
loulé minha terra natal*

*então eram dias felizes
menos o medo de não crescer*

*um mundo em cada olhar
em cada dia um novo rol de descobertas*

*os passos tantos na rua tão longa
tão quase nada agora*

*as horas na rua correndo e jogando
a tantos jogos que já nem sei*

*as sombras da noite parecendo bandidos
aos moços que eram todos cow-boys*

*loulé minha terra natal
tão longe e tão perto na escala do tempo*

*a escola de conde ferreira
tão pouco tempo que era o recreio*

*a professora senhora dona adélia
a melhor professora de entre quarenta*

*o coelho o teixeira o mário o serra
e os outros todos felizes todos amigos todos*

*os banhos no cadoço os contos do marcelino
e à noite sempre à noite segredos nas esquinas*

*tão longe e tão perto na escala do tempo
loulé minha infância e terra natal*

*agora loulé não é campo de batalha
nem um largo imenso para jogar ao belindro*

*agora loulé é uma vila com tantos habitantes
e eu um loulitano com milhões de sonhos*

*tão longe e tão perto na escala do tempo
loulé minha terra natal*

*tão longe e tão perto loulé de mim
como és grande e pequena loulé assim*

26 / XI / 57

CASIMIRO DE BRITO

Livros Novos

O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES

Recebemos o quinto fascículo
desta grande obra da literatura
mundial que a Editorial Estú-
dios Cór resolveu editar no nosso
país, numa compreensão louvável
das necessidades espirituais de
um escol culto que, de nenhum
modo, podia desconhecer a céle-
bre colectânea de histórias orien-
tais.

Neste quinto fascículo inicia-se
a HISTÓRIA DO CORCUNDA,
numa óptima tradução do escri-
tor Aquilino Ribeiro, uma tradu-
ção onde é notável o equilíbrio
regional dado a essa bela histó-
ria. São de Carlos Botelho, as
ilustrações deste fascículo, que
tem ainda uma aguarela e dois
desenhos em extratexto.

CARTAS A COLUMBANO, de Teixeira - Gomes

Da Portugal Editora recebe-
mos o primeiro volume da série
de obras do escritor algarvio
Teixeira - Gomes que a referida
Editora em boa hora resolveu re-
editar. A esta obra de Teixeira -
Gomes nos referiremos com
mais minúcia, oportunamente, na
nossa página literária.

O FIM DA NOITE, romance de François Mauriac

Na próxima página literária
referiremos também este roman-
ce da Coleção Latitude, da Edi-
torial Estúdios Cór, dirigida pelo
escritor algarvio Natanil Costa.

OS TRANSPORTES, número dedicado ao Algarve

Coordenado pelo jornalista Luís
Sebastião Peres, recebemos o nú-
mero da revista OS TRANSPORTES
dedicado ao Algarve. Revis-

ta de certo interesse, foca os vá-
rios aspectos desta sultista pro-
víncia, tentando não olvidar ne-
hum interesse nem motivo.

C. B.

DEZ SOCIEDADES SECRE- TAS

Da «Coleção Deza», magnífica
iniciativa da Livraria Clássica
Editora, está publicado e recebe-
mos, por amável deferência da
mesma, o n.º 35 intitulado «Dez
Sociedades Secretas» e no qual
se contam as tenebrosas e pérfi-
das obras da Santa Vekone, da
Carbonária Francesa, da Ku Klux
Klan, do Nihilismo, dos Boxers,
da União e Morte, da Mopia, da Le-
gião Negra, dos Mau-Mau e da
Gokokudan. Recomendamos mais
este volume de uma das mais se-
lectas colecções dos últimos tem-
pos.

CONTOS TRADICIONAIS POR- TUGUESES

Estão publicados e recebemos
os fascículos n.ºs 5 a 7 desta obra,
apresentada em bom papel, agra-
dável formato e aspecto e abun-
dantemente ilustrada por Maria
Keil, compilada por «Iniciativas
Editoriais».

Os referidos fascículos inume-
ros alguns dos mais interessantes
contos que oralmente ou por es-
crito nos foram legados por ge-
rações e gerações compilados e
adaptados por Adolfo Coelho,
Teófilo Braga, Ataíde Oliveira, A.
Tomás Pires, José Leite Vascon-
celos e Consiglieri Pedrosa.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

No limiar do Ano VI

(Continuação da 1.ª página)

manas, o número necessário de
horas vagas e daí o desgosto que
vamos dar aos que tanto gostam
de nos ler de graça de só poder-
em fazê-lo 2 vezes por mês...
Paciência a todos.

Aos nossos amigos, colabora-
dores e simpatizantes endereça-
mos, neste dia, as nossas sauda-
ções e os nossos agradecimentos
com a promessa de, semanalmen-
te ou quinzenalmente, tentarmos
levantar mais alto, mais límpida e
mais agradável esta «Voz» que
deseja continuar a ser a vossa.

J. R.

Mercados mundiais

NEGÓCIOS MUITO ACTIVOS nos frutos secos

Por aquilatarmos da sua utili-
dade na orientação que pode por-
porcionar ao interesse dos negó-
cios entre a produção e comércio
dos mais importantes sectores
da nossa província, damos a
publicidade algumas informações
e cotações obtidas nas principais
praças internacionais dos frutos
secos.

É-nos possível transmitir este
interessante serviço informativo,
devido à gentileza do nosso esti-
mado colaborador sr. José Ferrei-
ra Torres, a quem endereçamos
os nossos agradecimentos.

Londres, 21-XI-57

Durante as últimas duas sema-
nas, no mercado londrino da
amendoeira tem-se observado notá-
veis oscilações nos preços, sobre-
tudo na descascada de provenien-
cia italiana.

Dez dias antes os preços para
esta amendoeira tinham descido a
317 «shillings» os 50.802 Kgs.. En-
tretanto, e sucessivamente, têm-
-se realizado cotações a 345 sh.
(Esc. 27\$16) o que para estabiliz-
zar-se a 340 sh. (Esc. 26\$77, o
quilo). Este andamento irregular
dos preços da amendoeira pela ini-
ciativa dos compradores continen-
tais que ao princípio se absteve-
ram de efectuar compra, mas, en-
tretanto, têm procurado, sucessi-
vamente, reconstituir os seus
«stocks». Pelo que se refere à
amendoeira espanhola, não se tem
registado grande actividade. A
maior parte dos negócios é refe-
rida à amendoeira Jordan, Planetas
Valência, seleccionadas, pelo que
são conquisitíssimos os negócios em
amendoeira não seleccionada. Algu-
mas partidas de amendoeira Valên-
cia não seleccionada têm sido ne-
gociadas a 320 sh., os 50.802 Kgs.
Segundo a opinião corrente en-
tre os operadores londrinos do se-

ctor da amendoeira, logo que os
agricultores espanhóis e italianos
terminem a sua colheita da azei-
tona, modificarão o seu retraimen-
to na venda para os mercados es-
trangeiros.

Durante a semana finda, no
mercado londrino da amendoeira
e da noz, foram praticados os se-
guintes preços:

Amendoeira: (por cwt.--50,802
Kg) para embarque Novembro,
da nova colheita, limpa: Bari 327
sh., P. G. 33 sh., Espanhola tipo
Valência, nominal; Malaga, 3, 4
e 5 coroas em sacos, embarque
Novembro-Dezembro, 417 sh..
Disponível Bari 390 sh.

Figs secos: Discreto o interes-
se dos compradores londrinos pe-
lo figo seco. Ofertas genuínas na-
turais em pequenas quantidades
a 108/110 «shillings» os 50,802
Kgs (9\$45 o quilo). Entretanto,
têm sido vendidos extra-genuí-
nos a 118/120 sh. com direitos de im-
portação compreendidos.

Marselha, 21-XI-57

As cotações dos frutos secos
praticados no mercado marselhês
durante a semana passada, po-
dem resumir-se como segue, em
francos por quilo:

Amendoeira doce descascada: Al-
gerina 395 caf (custo e frete);
Marroquina 370 caf; Marroquina
escolhida 385/395 caf. Tunisina
390 caf; Bari de Primeira, a gra-
nel 365; idem limpa 370; idem es-
colhida 380; idem calibrada 395;
P. G. a granel 370; idem limpa
375; idem escolhida 385; idem ca-
librada 400; comum 385 fob; Es-
perança Primeira 405 fob; Valên-
cia sel. 385 fob; Malorca esc. 395
fob; Langueta 460/500 fob; POR-
TUGUESA 365; Grega 400;
Branca espanhola 440 fob; Bran-
ca ital. 450; BRANCA PORTU-
GUESA 460; especial branca es-
panhola 420 fob; idem italiana
430 fob; idem PORTUGUESA
440.

Amendoeira amarga descascada:
Marroquina 275 caf.; Italia, 290
caf.; Espanhola 270 fob.

Amendoeira em casca: Molar tar-
ragona 205 fob; Molar cartage-
na 165 fob; Fitas Ibiza 155 fob;
TENRA PORTUGUESA 165.

Figs secos: — D'Algeria: 180/
210 (Standard, Extra, bello) por
quilo.

Nozes descascadas: Turquia
425/430 — Romanas 470 — Pie-
monte 490 — Nápoles 410/440 —
Tarragona 400/435 fob. Preços
superiores portanto, aos da amen-
doeira.

O mercado marselhês dos fru-
tos secos apresenta-se sempre
muito activo durante o período
em exame, tanto para a amendoeira
como para a noz. Sômente que
para o primeiro fruto, além da-
queles de Africa setentrional e de
Portugal, têm sido negociadas
discretas partidas de amendoeiras
italianas pedidas sobretudo aos
comerciantes da Costa Azul. Para
a noz, tem-se registado importan-
tes negócios de origem turca
por conta da indústria suíça de
chocolate. Estabilizados os preços
dos figos secos algarvins, tam-
bém porque a procura é menos
activa.

Bari, 21-XI-57

Na jornada do mercado nacio-
nal, na Bolsa de Mercadorias, au-
mentou a procura do figo indus-
trial e comestível, tipo coroa, com
escassas disponibilidades desta
mercadoria. Eis as cotações por
quintal de 100 quilos, em libras,
mercadoria posta no armazem.

Amendoeira: descascada, massa
doce, originária Bari 51500/52000
idem amarga 43/43500.

Alfarroba: a granel 4300/4400.
Figs secos: industrial
6400/6500; comestível, inteiro,
crú, opalivo, em celofane
10.000/10.200: idem coroa
9.300/9.400.

(Extracto de «24 ORE»)

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em banheiras, louças sanitárias
e outras

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

Possibilidades turísticas

ALGARVIAS

1 — O ALGARVE E O TU-
RISMO

Se é certo que temos muitas e
inegáveis condições para fomen-
tar o turismo na província algar-
via, é igualmente certo e conhe-
cido, que turisticamente ainda
não alcançamos aquele campo
mínimo, que seria de desejar e de
legitimamente compreender.

Em nossos dias, esta forma de
actividade económica, aliada ao
seu fundamental aspecto recrea-
tivo e cultural, constitui uma das
grandes fontes de receita de vá-
rios países (casos da França e
Itália), e movimenta um consi-
derável número de organizações,
abrindo novas possibilidades.

Os transalpinos devem grande
parte do seu desenvolvimento e
recuperação no pós-guerra ao
turismo, pois as belezas naturais
e sobretudo as obras humanas —
igrejas, museus, ruínas, etc. —
eram um cartaz contínuo e um
convite permanente, aliado a uma
bem elaborada organização, onde
o problema económico constitui
uma principal preocupação.

No que respeita a Portugal,
tem-se feito na realidade tentati-
vas dum turismo sério, havendo
a destacar a obra do S. N. I., que
tem tentado levar ao conheci-
mento do estrangeiro as belezas
do nosso país e da cultura portu-
guesa.

Algo se tem feito e hoje é já
considerável o número de turistas
que nos visitam, subindo gradual-
mente o número, ano após ano.
No que respeita ao conhecimento
directo da Nação, pelos seus ha-
bitantes, também se tem progre-
dido, estimulando o gosto pelo ex-
cursionismo e propaganda inter-
-fronteiras, os cartazes turísti-
cos de regiões diferentes.

Mas quanto a nós, o Algar-
ve, ainda não foi descoberto to-
talmente, com as suas variadas
maravilhas naturais, resumindo-
-se quase que sempre e só ao pe-
ríodo da floração das amendoei-
ras. Ora, isto é um pequeno pe-
ríodo e, como sabemos, não se
pode pretender realizar turismo
de período ou época, mas obra de
continuidade, sem paralização
das actividades.

Tentou a Casa do Algarve, le-
vantar um pouco a cortina, mos-
trando aos representantes da im-
prensa diária da capital o que é a
«PRIMAVERA NO ALGAR-
VE» — época na realidade
atraente e maravilhosa.

Os organismos locais também
têm, dentro das suas possibili-
dades, quase sempre reduzidas, pro-
curado os meios necessários para
melhorar as condições turísticas
locais. Mas a estas atitudes, qua-
se sempre isoladas, tem faltado o
elo necessário para que numa co-
mumhão de esforços se colhessem
mais e melhores frutos, com evi-
dente vantagem para o Algarve.

É necessário propagandear a
Província, chamar a atenção dos
outros para o nosso folclore, para
a nossa arte popular e sobretudo
para esse dom eternamente belo,
que são os encantos naturais desta
maravilhosa rincão. Toda a
província, tem na realidade mu-
ltas condições turísticas, que in-
teligentemente aproveitadas e solu-
cionadas os problemas que lhe
são adstritos poderiam ser o mo-
tivo dum maior incremento co-
mercial.

J. L.

Portugal está em bom campo

Porque o Tribunal de Justiça
Internacional de Haia julgou im-
procedentes as objecções levanta-
das pela União Indiana para
que conhecesse das nossas queixas
quanto aos territórios de Da-
drá e Nagar-Aveli, conclui-se
que tais objecções eram meios di-
latatórios próprios de quem deve e,
por consequência, teme.

Embora só o julgamento da
questão de fundo constitua deci-
são sobre o mérito do nosso direi-
to, congratulamo-nos com este
êxito preliminar e não podemos
deixar de saudar o Governo da
Nação pelo reconhecimento do
aprumo da sua atitude e pelos
fundamentos com que decidiu
submeter, à apreciação daquele
Alto Tribunal, a questão que o
imperialismo de falso pacifista do
sr. Nerhu contra nós provocou.

Está o País de parabéns.